



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
CAMPUS A.C. SIMÕES

LEONARDO JORGE DE AZEVEDO TELES

**ALGUMA RESENHA
PROJETO SOBRE JORNALISMO CULTURAL LITERÁRIO**

Maceió
2022

LEONARDO JORGE DE AZEVEDO TELES

**ALGUMA RESENHA
PROJETO SOBRE JORNALISMO CULTURAL LITERÁRIO**

Relatório apresentado à Universidade
Federal de Alagoas para obtenção de
título de bacharel em Jornalismo.

Orientador (a): Victor Pires

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

T269a Teles, Leonardo Jorge de Azevedo.
Alguns resenhas: relatório técnico sobre o produto Alguns resenhas /
Leonardo Jorge de Azevedo Teles. – 2022.
46 f. : il. color.

Orientador: Victor Pires.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 45-46.

1. Jornalismo cultural. 2. Jornalismo literário. 3. Literatura e internet. 4.
Crítica literária. I. Título.

CDU: 070

Resumo

O Alguma Resenha é um projeto de jornalismo cultural literário que publica resenhas de livros e artigos em plataformas do mundo digital como o Instagram e o Wordpress. Ele pretende ocupar o espaço de debate sobre literatura na internet, procurando sempre trazer análises críticas de obras nacionais e internacionais, tanto clássicos quanto contemporâneos. Para tanto, utiliza-se as ideias defendidas por Daniel Piza em seu livro *Jornalismo Cultural*, assim como a metodologia ensinada pelo escritor e crítico literário, André Cáceres, durante o curso *Formação de Crítico Literário: Teoria e Prática*. Além do mais, buscou-se entender as principais práticas utilizadas em redes sociais e blogs para os conteúdos publicados alcancem o maior público possível. Portanto, o Alguma Resenha leva, ao público presente no ambiente virtual, a tradição da crítica literária desenvolvida no jornalismo impresso ao longo do século XX, mas com uma linguagem atualizada que faz uso dos recursos pertencentes a tais plataformas.

Palavras-chaves: Jornalismo cultural literário; Blog; Instagram; crítica literária.

Abstract

The Alguma Resenha is a literary cultural journalism project that publishes book reviews and articles on digital platforms such as Instagram and Wordpress. He intends to occupy the space of debate on Literature on the internet, always seeking to bring critical analyzes of national and international works, both classic and contemporary. In order to do so, the ideas defended by Daniel Piza in his book Cultural Journalism are used, as well as the methodology taught by the writer and literary critic, André Cáceres, during the course Formation of Literary Criticism: Theory and Practice. In addition, we sought to understand the main practices used in social networks and blogs for published content to reach the largest possible audience. Therefore, Uma Resenha takes, to the public present in the virtual environment, the tradition of literary criticism developed in print journalism throughout the 20th century, but with an updated language that makes use of the resources belonging to such platforms.

Key words: Literary cultural journalism; Blog; Instagram; literary criticism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo criativo.....	22
Figura 2 - Layout antigo.....	36
Figura 3 - Tema antigo.....	36
Figura 4 - Tema atual.....	37
Figura 5 - Capa antiga dos posts.....	38
Figura 6 - Capa nova dos posts.....	39
Figura 7 - Estatística do Blog no dia 23 de setembro (Painel do Wordpress).....	40
Figura 8 - Paleta de cores.....	42
Figura 9 - Variação de cores.....	43
Figura 10 - Elementos visuais.....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	JORNALISMO CULTURAL: DEFINIÇÕES.....	10
2.1	JORNALISMO CULTURAL E LITERATURA.....	10
2.2	CRÍTICA CULTURAL E LITERATURA.....	18
3	JORNALISMO LITERÁRIO NA INTERNET.....	27
3.1	WEB 2.0 E BLOGS: UM HISTÓRICO.....	27
3.2	A CENTRALIDADE DO INSTAGRAM.....	29
4	BLOG ALGUMA RESENHA: O QUE É? / HISTÓRICO.....	33
4.1	EDITORIAS.....	38
4.2	PROJETO EDITORIAL.....	39
4.3	IDENTIDADE VISUAL.....	40
5	CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O Alguma Resenha é uma iniciativa de jornalismo cultural literário cuja intenção é publicar conteúdos sobre literatura nacional e internacional como resenhas e artigos. Além disso, ele busca fazer a prática do jornalismo cultural em novas plataformas do mundo digital e oferecer um conteúdo crítico dentro do parâmetro dessas novas linguagens. Nos dois espaços ocupados pelo projeto, um blog na plataforma Wordpress e um perfil no Instagram, são publicadas resenhas de obras artísticas e de entretenimento, sem fazer distinção entre as duas. Ele também pode abranger assuntos relacionados ao cinema e à música, desde que conectados ao universo literário de alguma forma.

A primeira publicação do Alguma Resenha no Instagram, a resenha do romance Razão e Sensibilidade da escritora britânica Jane Austen, foi em 18 de agosto de 2020. Naquele momento, o Blog ainda não estava pronto. Ele sofreu atrasos em seu funcionamento por conta de questões técnicas relacionadas ao layout. A mesma resenha sobre Razão e Sensibilidade foi publicado no dia 1º de setembro do mesmo ano, mas em maio deste ano ela foi excluída para ser novamente publicada com uma nova versão.

Para falar sobre a ideia de concepção do projeto é preciso voltar a abril de 2020, quando tive a necessidade de criar um espaço no mundo digital para aprender mais sobre a criação de conteúdo para a internet. Decidi que escreveria resenhas por conta da experiência bem-sucedida que tive durante a graduação, nas disciplinas de Oficina de textos em jornalismo II, Oficina de Jornalismo Cultural e Estética nas quais escrevi resenhas sobre obras audiovisuais e musicais.

Embora não tivesse escrito nenhum texto analítico sobre literatura até então, optei por esta arte por ser a que mais consumo diariamente e a que mais tenho vontade de aprender. O próximo passo foi escolher o meio de publicação. Existiam três possibilidades, um canal no Youtube, um Blog ou perfil no Instagram. Eu descartei o canal no Youtube por questões técnicas como a falta de uma câmera de qualidade e de um cenário adequado, além de não saber editar vídeos na época.

Naquele momento, eu soube de um movimento que estava acontecendo no Instagram, os Instabookers: perfis voltados a falar sobre literatura. O maior perfil desta área é o @book.ster do advogado Pedro Pacífico, que até este momento

possui 369 mil seguidores. O seu principal conteúdo é a resenha literária cujo texto é inserido no campo da legenda de suas fotos de livros. O alto engajamento visto em sua página permitiu que ele estabelecesse parcerias com editoras famosas, entre elas a Record e a Intrínseca, e a fazer publicidade para empresas de outros nichos como a Visa, que oferece serviços financeiros. Assim, enxerguei que o possível público-alvo para leitura das minhas resenhas estava no Instagram. Então, decidi criar um perfil lá.

Nesse meio tempo, escrevi as primeiras resenhas literárias sobre Razão e Sensibilidade, Rei Lear e A Sangue Frio. Foi nesse período também que descobri que há um limite de 2200 caracteres a serem publicados nas legendas do Instagram. Essa questão me deixou com duas opções: escrever resenhas dentro desse limite ou procurar outro meio em que eu tivesse mais liberdade.

Escolhi o formato Blog por três motivos: primeiro, não há limite de caracteres; segundo, facilidade de categorizar os conteúdos e, por último, oportunidade de aprender a elaborar um Blog. Decidi pela plataforma Wordpress por conta da possibilidade de criar uma conta gratuita e pela simplicidade de uso.

Apesar de não ser o formato mais acessado pelo público atualmente na internet, ainda existem diversos Blogs sobre literatura ativos na rede, sendo que alguns deles são encontrados através de buscas no Google: o Homus Literatus, a Escotilha e o Estante Diagonal. Portanto, estabeleci que seriam criados um Blog e um perfil no Instagram com os mesmos conteúdos publicados em ambos os espaços. A intenção também era divulgar links do Blog na rede social.

Agora, faltava escolher um nome. A escolha para a denominação Alguma Resenha foi inspirada no título do primeiro livro do poeta Carlos Drummond de Andrade, Alguma Poesia, embora sem utilizar o caráter irônico dele.

Para a criação da identidade visual do Alguma Resenha contratei o Lucas Rocha, web designer e estudante de jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). O Lucas criou a logo e escolheu as cores do projeto, sendo as duas principais o verde escuro e o bege. Além disso, ele deu conselhos para a produção de artes para o Instagram nos primeiros meses do Alguma Resenha.

O primeiro ano do Alguma Resenha foi difícil. Até o desenvolvimento deste projeto eu não entendia o Instagram. Nunca tive uma conta pessoal. Fui aprendendo a criar conteúdos para esta rede sozinho. Além do mais, as artes para posts carrosseis feitas na plataforma de design Canva eram de péssima qualidade,

mesmo com as orientações do Lucas. Meus conhecimentos de design gráfico eram nulos.

Os resultados começaram a melhorar a partir de novembro de 2021. Neste mês, comecei a estagiar de forma presencial na Reitoria do Instituto Federal de Alagoas (Ifal). Como os profissionais da área de design do Ifal estavam sobrecarregados com trabalho, foram encaminhadas a mim algumas tarefas para a produção de conteúdos visuais como a criação de banners e artes para as matérias do site.

Desse modo, decidi fazer um curso de design gráfico, pois os conhecimentos adquiridos nele também seriam úteis para o Alguma Resenha. Assim, comprei o curso Design de Qualidade voltado para pessoas inexperientes.

Ainda que eu não tenha finalizado o curso por falta de tempo, cumprindo apenas 80% da carga horária, os resultados foram satisfatórios. Hoje, as artes feitas são mais atraentes, o que deu um caráter mais profissional ao projeto. De novembro para cá, foi o período de tempo em que o projeto mais conquistou seguidores.

Outro curso que fiz entre julho e agosto deste ano foi o Formação de Crítico Literário, realizado pela LabPub e ministrado por André Cáceres, crítico literário que trabalha no jornal O Estado de São Paulo e escritor. O curso ensinou o processo de interpretação de obras literárias e os princípios básicos que tornam uma crítica literária excelente. A resenha do romance O Averso da Pele, do escritor gaúcho Jeferson Tenório, foi escrita como parte de um exercício do curso.

Toda a história do Alguma Resenha e o escopo teórico que o fez ser o que ele é estão divididas em três seções: Jornalismo Cultural: Definições; Jornalismo Cultural Literário na Internet e Blog Alguma Resenha: O que é? Histórico.

A seção Jornalismo Cultural: Definições está dividida em duas partes: Jornalismo Cultural e Literatura e Crítica Cultural e Literatura. A primeira mostra um quadro atual do Jornalismo Cultural no Brasil, utilizando-se como referência a obra Jornalismo Cultural no Século XXI, de Frantjesco Ballerini. Já segunda apresenta os referenciais teóricos que são influência para a produção de conteúdos do projeto, entre eles o livro Jornalismo Cultural, Daniel Piza e o curso Formação de Crítico Literário, ministrado por André Cáceres.

Jornalismo Cultural Literário na Internet aponta as plataformas no mundo digital em que essa área é praticada: *Blogs* e redes sociais. Desse modo, estão

presentes um breve histórico das duas plataformas e como elas são utilizadas atualmente.

E, por último, Blog Alguma Resenha: O que é? Histórico conta a história do projeto, fala sobre suas editorias de resenhas e artigos e explica como a identidade visual foi criada.

2 JORNALISMO CULTURAL: DEFINIÇÕES

O livro *Jornalismo Cultural no Século XXI*, de Franthiesco Ballerini, propõe-se a entender a prática do jornalismo cultural neste século. Para isso, ele faz uma volta no tempo, mostrando as bases históricas desse nicho na Europa, Estados Unidos e Brasil. Em seguida, o autor dedica capítulos exclusivos às expressões artísticas tradicionais, entre elas literatura, artes visuais, teatro, cinema e música. E às novas formas como Tv, informática, games, gastronomia e moda.

Para definir jornalismo cultural, Ballerini cita jornalistas famosos do século XX. O primeiro deles é Luiz Beltrão (1969), que disse que o objetivo da área é a prestação de serviço, e a divulgação de livros e peças. O segundo é Luiz Amaral (1969), que declarou não haver cobertura jornalística na seção de cultura, pois essa atividade se resume a críticas de obras de literatura, teatro, cinema, rádio e TV.

Entretanto, Ballerini aponta uma tendência dessa área de se pautar pela antecipação de produtos culturais, “como lançamentos de filmes e livros, estreias de peças, novelas, abertura de mostras; de um novo restaurante; do novo game recém-lançado; do próximo desfile de moda etc.” (BALLERINI, 2015, p. 46). Ele continua dizendo que depois da década de 1990 é comum encontrar nos cadernos diários textos focados nesse sistema de lançamentos. Mas ele lembra que o jornalismo cultural ainda é jornalismo e por isso é marcado pela atualidade.

Adiante, o autor ressalta uma questão importante: isso não significa que o jornalista é pautado pela agenda ou por pressões da assessoria de imprensa. Ballerini explica que a editoria de cultura é a mais influenciada pelo gosto pessoal ou formação cultural do profissional em questão.

2.1 JORNALISMO CULTURAL E LITERATURA

O jornalismo cultural que cobre literatura está buscando seu lugar na internet, depois de perder espaço nos jornais e revistas impressos. Desde páginas nos sites dos grandes veículos de comunicação do país dedicadas a esta arte, aos produtores

de conteúdo independentes, que estão em Blogs, Youtube e Instagram, ele está se reinventando. Então, procurando entender essa prática na última década, foi utilizado como objeto de estudo o capítulo dedicado à literatura da obra *Jornalismo Cultural no Século XXI*. Nele, Ballerini entrevista diversas figuras atuantes no meio para pedir suas visões sobre o assunto.

Ballerini (2015) aponta, no início do capítulo, que o jornalismo cultural literário brasileiro enfrenta grandes desafios neste século. E ele dá três motivos para isso: vivemos na era das imagens; a atenção cada vez mais rarefeita do leitor; e a produção dos conteúdos, uma vez que um livro para ser lido e analisado leva dias, enquanto o consumo e a análise de outros produtos culturais como um filme ou música pode levar horas.

Depois, ele faz um panorama histórico, partindo do século XIX, onde é mostrado o surgimento da crítica literária e a prática da publicação de romances em capítulos em jornais. O maior expoente desse período foi o escritor Machado de Assis.

O século XX foi marcado pela criação dos suplementos literários, as revistas semanais de cultura, na década de 1950. Os dois principais foram o Suplemento Literário, pertencente ao jornal Estado de São Paulo e criado pelo crítico literário Antonio Candido com design gráfico do artista plástico Italo Bianchi, e o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, desenvolvido por Ferreira Gullar, Haroldo Campos, José Lino Grunewald e Décio Pignatari.

O autor explica que nas décadas de 1980 e 1990 a literatura começou a ser deixada de lado, de modo que escritores-jornalistas foram perdendo espaço. Os anos 2000 acirraram essa crise com o estabelecimento da internet, que fomentou o hábito da busca rápida de informação com textos menores e superficiais e com recursos audiovisuais. O objetivo é promover a agilidade da leitura.

Nos parágrafos seguintes, Ballerini cita diversos jornalistas contemporâneos, apresentando suas visões sobre o momento atual do jornalismo cultural literário. O primeiro deles é o Rinaldo Gama, Doutor em Comunicação e Semiótica, que, em uma das edições do Congresso Cult de Jornalismo, discutiu sobre o imediatismo proporcionado pela internet. Gama (2015) comenta que, apesar de não haver limite de espaço nos meios digitais como existia nas edições impressas dos jornais, nas décadas anteriores, não há “uma preocupação ou investimento maior com o jornalismo cultural literário”.

Ele pensa na internet como um lugar procurado pelos usuários para acharem informações rápidas e termina propondo uma solução para este nicho encontrar seu caminho no mundo virtual “Então o jornalismo literário (cultural) para sobreviver tem que buscar o caminho, que é aprimorar a estilística, o texto e a apresentação, para fazer frente a velocidade, ao jornalismo on-line”. (GAMA, 2009 Apud BALLERINI, 2015, p. 85. Informação verbal)

Gama (2015) também aborda outro problema do ambiente digital: a possibilidade de todos serem críticos e de não existir diferenças entre conhecimento especializado e opinião não embasada. Ele ainda diz que outro efeito causado pela internet foi a supressão da figura do autor, do editor, distribuidor e crítico. Todas essas funções foram embaralhadas, acabando com a necessidade de intermediários que unam o escritor e o leitor. Ele termina:

Mas de uma coisa eu tenho certeza! Será impossível para uma pessoa, por melhor que ela seja, “consumir” tudo que está sendo feito. Alguém tem que escolher para você não ser obrigado a ler tudo, esse é o editor, ele é o veículo de comunicação. Sempre haverá a necessidade de alguém que faça o meio de campo. E o mais importante, a opinião do leitor é delegada ao que os meios de comunicação acham que é importante. (GAMA, 2009 Apud BALLERINI, 2015, p. 83. Informação verbal).

Outro discurso citado é o da pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Cristiane Costa (2015), autora do livro *Pena de Aluguel*, que comenta o fim dos veículos dedicados de forma exclusiva à literatura, assim como a diminuição de espaço para os escritores e críticos militantes nos jornais. Um ponto importante levantado por ela é o volume de lançamentos de livros, o que torna muito difícil uma cobertura literária. Ela reflete: “Hoje há livros de mais, e espaço de menos. Editoras como a Record publicam 40 livros novos por mês! O editor fica soterrado de livros. Como cobrir tudo isso?” (COSTA, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85. Informação verbal).

Segundo dados atualizados de 2021 levantados pela pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, realizado pela Nielsen Book Data a pedido do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro, foram catalogados 400 mil lançamentos. Um crescimento de 10% de ISBN (sigla usada para numerar novos títulos de livros, artigos e apostila) registrados em comparação ao ano anterior.

Mais adiante, Costa (2015) aborda outra questão, dessa vez referente à influência do crítico literário em confronto com os sistemas informatizados de indicações de livro.

O crítico literário é o menos importante neste ciclo. O grande gargalo é o número baixo de livrarias. O leitor não vai pegar referência no jornal. O best-seller em nada depende dos jornais. Já as livrarias fazem diferença. Como o sistema de reputação eletrônico da Amazon (algo como se você gostou do livro tal, quantos leitores gostaram destes outros livros também), o crítico é ainda menos relevante no ato da compra de livros, pois esse sistema eletrônico faz uma comparação assertiva de estilos e gostos. (COSTA, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85. Informação verbal)

Para falar sobre questões de mercado e escolhas de pautas, Ballerini entrevistou dois escritores, Verônica Stigger e Bruno Zeni. Stigger (2015) lamenta a falta de interesse da grande imprensa em dar espaço a novos autores, em cobrir lançamentos de editoras pequenas e artesanais. Ela continua dizendo que poucas editoras possuem o monopólio de espaço qualificado dentro da imprensa, “[...] o que falsifica muito da visão que se pode ter da literatura contemporânea brasileira”. (STIGGER, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85. Informação verbal).

Zeni (2015), atualmente colaborador da Folha de São Paulo, disse naquele momento que as pautas literárias se concentravam em efemérides e nomes da tradição literária, de modo que escritores pouco conhecidos recebiam poucas chances, pois os veículos jornalísticos estavam voltados para o mercado:

A internet tem se revelado um ambiente de renovação e de arejamento do cenário, mas estamos vivendo hoje um momento de transição — internet, livro digital, pulverização da atividade crítica — que ainda não me parece muito claro com relação aos seus desdobramentos. (ZENI, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 87. Informação verbal).

Abrindo um parêntese e pegando como exemplo o caso da literatura negra brasileira contemporânea, até alguns anos atrás autores negros não recebiam espaço nem nas principais editoras do país. Segundo Fernandes (2021), uma pesquisa realizada por um grupo de estudos de literatura contemporânea da Universidade de Brasília (UNB) revelou que, entre 1965 e 1979, de 692 romances de 383 escritores brasileiros 93% dos autores publicados eram brancos. Entre 1990 e 2004, era de 93,9%, e entre 2005 e 2014, de 97,5%.

Pelo menos nos últimos anos esse cenário vem mudando. Em 2020 e 2021, dois romances escritos por autores negros, Torto Arado (Itamar Vieira Júnior) e O Averso da Pele (Jeferson Tenório), ganharam o prêmio Jabuti de melhor romance

literário. O grupo Companhia das Letras, principal grupo editorial do país, tem dado atenção a esse problema, publicando, por meio de seus vários selos, escritores negros nacionais como Giovani Martins, Jarid Arraes, Jeferson Tenório, Djamila Ribeiro entre outros; e internacionais, Abdulrazak Gurnah (ganhador do prêmio Nobel de Literatura 2021), Toni Morrison, James Baldwin e Viola Davis.

No entanto, as outras grandes editoras do país não tem acompanhado esse movimento e procurado oferecer o mesmo espaço para tais autores. Por essa razão, de acordo com Rosário (2021) tem crescido o número de editoras independentes cujo objetivo é resolver essa deficiência no mercado editorial. Uma delas é a Malê, criada em 2015 e que já publicou mais de 150 autores, sendo finalista dos prêmios Oceanos e Jabuti.

Voltando para a entrevistas de Stigger (2015) e Zeni, a escritora disse que a literatura já teve períodos mais ricos no jornalismo, tanto na disponibilidade de espaço, quanto na qualidade dos textos. Ela cita, por exemplo, o grupo de intelectuais que escreviam para o Correio da Manhã no final da década de 1960: Otto, Maria Carpeaux, Antonio Callado, Luiz Costa Lima, Carlos Drummond de Andrade, José Lino Grunewald e Augusto Campos.

Stigger (2015) depois faz um contraponto comentando que mesmo com a perda de espaço os críticos literários atuais não estão abaixo de seus antecessores. Ela amplia essa questão falando sobre o trabalho nas universidades brasileiras, que os críticos dentro delas estão acompanhando o que está sendo publicado. O máximo que acontece, entretanto, é esse pessoal da academia ser convidado para breves resenhas sem ter a oportunidade de fazer uma reflexão mais ampla. Ela termina dizendo: “Não existe, a meu ver, uma crise da crítica, mas sim uma crise da imprensa. Que, no campo da literatura ou, mais amplamente da cultura, são sempre ‘dispensáveis’, ‘supérfluas’, ‘artigos de luxo’, é mais sensível”. (STIGGER, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85. Informação verbal).

Zeni (2015) concorda com Stigger na questão referente ao espaço, mas complementa o assunto falando sobre a internet. Para ele, não é mais uma questão de espaço, mas de hierarquia e de seleção de informação.

[...] A grande mídia ainda é referência, mas vem perdendo centralidade, pois há muitos escritores em atividade no mundo virtual (blogues, sites redes sociais, etc.) e já há muitos professores universitários e críticos literários que escrevem direta e diariamente na internet e detêm muita influência por meio da rede. (ZENI, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 87). (Informação verbal).

Outro escritor convidado para fala sobre o assunto é o gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha. Ele explica que o maior desafio hoje do jornalismo cultural literário é a disputa com outras formas de arte como o cinema, sendo que antigamente o teatro era o único concorrente.

Logo depois, Ballerini (2015) aborda o assunto sobre a literatura internacional, questionando se ela toma o lugar da literatura nacional. Boa parte dos entrevistados disseram que isso não é um problema tão grave. Gianni Paula, uma das editoras da revista on-line pernambucana Continente, pensa que os escritores brasileiros recebem destaque na mídia, mas somente aqueles que são publicados por uma grande editora.

Enquanto Cunha (2015) não vê diferença entre os espaços dos dois nichos, porque para ele “a busca está na universalidade, independentemente do tema ou do ambiente”. O escritor comenta que a literatura estrangeira possui a vantagem de ser feita em países de enorme tradição literária, em mercados estabelecidos e com um aparato de divulgação forte. Ele acrescenta que por causa de todos esses motivos é natural existir um grande espaço para a literatura internacional. O problema, entretanto, é o espaço pequeno disponível para a literatura nacional.

Zeni (2015) segue a mesma linha de Cunha e diz que a nossa literatura é frágil e isso acaba se refletindo no espaço nos veículos de comunicação. De acordo com ele, tal fragilidade acontece por conta do mercado editorial brasileiro e sua dependência da tradução de livros e escritores internacionais, obras que são produzidas de forma eficiente e barata, o que as tornam mais fáceis de comercializarem.

Por outro lado, o livro nacional com raras exceções torna-se um bom negócio, um deles é quando é vendido para o Governo Federal, já que no mercado em geral ele é um produto caro por conta do alto custo, poucos leitores e logística e distribuição ruins. Junta-se a isso, relacionamento difícil do escritor com editores, leitores e livreiros. Então, como as editoras dedicam pouco investimento de publicidade a obras nacionais, a imprensa se rende à lógica do mercado e acabam cedendo mais espaço aos best-sellers, aos autores celebridades do universo literário.

Outro tema que surge durante o capítulo é o dos escritores/críticos literários. Tal prática vem do século XIX e permanece até hoje. Gianni de Paula (2015) enxerga com bons olhos essa combinação, visto que os escritores são muito

entendidos com o tema, além de ter boa formação profissional. Bruno Zeni (2015), no entanto, afirma que atualmente a fronteira entre esses dois ofícios não existe mais.

Ubiratan Brasil (2015), atual editor do caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo, chama a atenção para um problema, ele espera que o exercício crítico pelos escritores não se transforme em um ambiente de desabafo ou de censura a desafetos. Tirando isso, ele acha interessante quando escritores ocupam a mídia. E Manoel Ricardo (2015) toca na questão do corporativismo. Ele fala que o hábito desses artistas escreverem resenhas em blogues das próprias editoras que os publicam contribui para a “manutenção das coisas assim, como elas são, são sempre os mesmos, as mesmas coisas, as mesmas formas etc. E isso praticamente pauta também os jornais e as revistas”. (BRASIL, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 92. Informação verbal). Sttiger (2015) vê o lado positivo da questão, para ela escritores são bons leitores e grandes conhecedores da literatura, o que os tornam capacitados para falar sobre o assunto.

Adiante, Ballerini aborda outro ponto relacionado à crítica literária, o problema da multiplicidade. A multiplicidade é o que diz que uma obra se presta a infinitas leituras ou cada um tem a sua interpretação. Desta vez, Ballerini cita o artigo de Fábio Akcelrud Durão, professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, presente na edição 182 da Revista Cult. Nele, o professor argumenta que uma das inconveniências dessa prática é o pensamento de que ela se adapta ao nosso tempo de ares democráticos e a recusa em:

Excluir quem e o quer que seja, a crítica da multiplicidade reprime o confronto. Se qualquer texto argumentativo necessariamente projeta um antagonista (você sempre argumenta contra uma determinada posição), então a retórica da multiplicidade coloca o próprio antagonismo na posição de antagonista. (DURÃO, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85).

Encarando a questão do ponto de vista acadêmico, Durão explica que a multiplicidade ajuda a facilitar a produção, pois como o conteúdo já é previamente múltiplo, tudo o que resta fazer para interpretá-lo é apresentar uma ou outra ambiguidade para que fique pronta a monografia ou a tese. Ele também fala: “O pressuposto da multiplicidade é aquilo que faz com que todos os textos se assemelhem, com que todos se tornem iguais em sua suposta diferença”. (DURÃO, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85). O professor termina dizendo que a

multiplicidade é usada de forma mais apurada na aplicação de teorias, já que como tudo é diverso, qualquer coisa pode ser lida segundo qualquer teoria.

Como tudo é dialógico, não importa se você usa Badiou, Barthes, Bataille, Baudrillard, Bhaba, Bourdieu ou Butler (para ficar só no 'B') para o drama renascentista, a épica do século 17 ou o verso livre do 20 [...]. Determinados autores, como Bakhtin e Benjamin, são tão explorados, são inseridos em debates tão absolutamente díspares que vale a pena perguntar se ainda faz algum sentido mencionar o nome deles. (DURÃO, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 85)

O assunto seguinte do capítulo tratou da inserção do jornalismo cultural literário na internet. Se durante a segunda metade do século XX, a literatura estava presente nos suplementos literários, neste século ela tenta encontrar seu lugar em guias, blogues e portais, pois os cadernos culturais dos jornais impressos estão cheios de conteúdos sobre cinema, música e cultura pop.

Gianni de Paula (2015) pensa que isso não é um problema, já que para ela não é o suporte que faz um bom texto, e há um apego exagerado a plataformas materiais por “fetiche ou durabilidade”. Já Zeni (2015) queixa-se dessa mudança, dizendo que ela provocou maior mercantilização da mídia impressa e a difusão e fragmentação da literatura no mundo digital. No entanto, ele reconhece que neste ambiente há ótimos escritores.

Bons sites e bons blogues de literatura surgiram e vão continuar surgindo. A tendência é que substituam o antigo jornalismo cultural, que na minha visão pertence a um mundo em que os valores culturais eram mais estáveis e conservadores. Guias, novos suplementos, editorias culturais das grandes revistas e cadernos de jornais vão continuar jogando o jogo do poder econômico, político e social. Tomara que a internet mude isso em (e acho que já vem mudando), em favor de um jornalismo cultural novo. (ZENI, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 92. Informação verbal)

O escritor Ricardo Viel acha interessante a criação de sites e blogues, até mesmo das próprias editoras, mas ele não acredita que eles substituam as resenhas de jornais e revistas. Manoel Ricardo encerra a questão, lançando os questionamentos:

Temos hoje 300 milhões de blogues no mundo. O que dizer sobre isso? Como ler isso? Qual a importância de ter tudo isso? Não sei, fico pensando do que nos adianta ter todos os lugares do mundo para ir se não pudemos ir a nenhum deles. De quantas vidas precisamos para ler, acompanhar, saber sobre tudo isso? Quanto vale tudo isso? [...] (RICARDO, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 92. Informação verbal)

E para terminar o capítulo, Ballerini pediu a seus entrevistados para falar sobre o futuro do jornalismo cultural literário. Gianni de Paula primeiro questiona o formato de internet que temos sem especificar muito, mas diz não ter dúvidas que o debate sobre literatura continuará existindo, até porque o mercado editorial brasileiro vem crescendo nos últimos anos, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Zeni (2015) preferiu não fazer previsões, mas seu desejo é ver uma cobertura mais autoral, mais conectada à experiência dos leitores e menos orientada por valores midiáticos e econômicos. Ele encerra dizendo que a grande crise da imprensa e do jornalismo cultural está levando a isso. Ubiratan Brasil acha que a mídia impressa não desaparecerá de todo e cita o exemplo do rádio, uma plataforma que foi superada, mas não desapareceu. Para ele: “O futuro crítico e resenhador poderá contar em vídeo em vez de escrever, mas o importante é parar e pensar antes de fazê-lo”. (BRASIL, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 92. Informação verbal).

Stigger (2015) tem uma visão em parte pessimista. Ela enxerga uma tendência de extinção dos jornais impressos, mas mantém suas esperanças na universidade. Seu argumento é que, embora a universidade esteja em crise, é nela que os livros são realmente lidos e interpretados. E nesse espaço também encontram-se as pessoas mais preparadas para tal tarefa. Ela diz que por muito tempo a imprensa assumiu o papel de mediadora entre a crítica universitária e o grande público, e agora, com as facilidades propiciadas pela internet, seja o momento de dispensar o mediador.

Na conclusão do capítulo, Ballerini (2015) fala da importância da preservação do jornalismo cultural literário, pois, em um momento em que há uma imensa pulverização de mensagens e no qual centenas de livros são publicados toda semana, existe a chance dos leitores viverem certa crise de abundância, sentindo-se perdidos no meio de tantos sites sobre literatura e livros resenhados. Por isso é importante a formação do jornalista cultural, uma vez que ele é capaz de fazer uma seleção crítica do que vale ou não a pena ser objeto de reflexão e guiar leitor em um cenário onde a abundância de conteúdos pode ser paralisante.

2.2 CRÍTICA CULTURAL E LITERATURA

Resenha e crítica tinham no século passado conceitos diferentes. Ballerini diz que a primeira era um texto mais superficial e curto, parecido com um rodapé, enquanto a segunda “não pode ser desgarrado da filosofia, história e sociologia ao analisar os livros — do contrário fará análises literárias pouco fundamentadas, com jeito de release ou dominadas por um sentido mercantilista”. (BALLERINI, 2015, p 81).

Hoje, essas duas palavras são consideradas sinônimas, sobretudo na internet onde criadores de conteúdos denominam suas análises embasadas de livros como resenhas. O Alguma Resenha também utiliza tal termo para identificar seus textos mais aprofundados. Assim, quais são os métodos usados pelo projeto para escrever uma resenha ou crítica literária embasada?

Bem, existem dois. Antes, o Alguma Resenha se baseava apenas nas ideias de Daniel Piza desenvolvidas em seu livro *Jornalismo Cultural*. Agora, ela é utilizada em conjunto com a técnica aprendida no curso *Formação de Crítico Literário* realizado pela LabPub e ministrado pelo escritor e crítico literário, André Cáceres. Ao final dessa seção esses dois métodos serão mostradas na prática na apresentação do processo de criação da resenha do romance *O Averso da Pele*, do escritor gaúcho Jeferson Tenório.

Em *Jornalismo Cultural* especialmente no terceiro capítulo chamado de *Contraclichê*, Piza aborda a questão da crítica de produtos culturais e apresenta quatro atributos que a tornam excelente: primeiro, possuir características de texto jornalístico como clareza, coerência e agilidade; segundo, informar sobre o que é a obra, sobre o tema abordado e quem é o autor; terceiro, análise sintética e, por último, capacidade do crítico de utilizar o objeto analisado para fazer uma leitura da realidade.

Mais adiante, ele elenca os quatro tipos de resenhas, sendo elas: a impressionista, a estruturalista, a de foco no autor e a temática. A estruturalista mira nos aspectos estruturais da obra, suas características de linguagem, sobre a sua forma. Já a de foco no autor busca falar sobre o criador do produto cultural, “sobre sua importância, seus modos, seus temas, sua recepção, do que em analisar aquela obra específica ou sua contribuição intelectual ou artística no conjunto.” (PIZA, 2003, p 71). Por último, a temática que tem como objetivo discutir o tema abordado no conteúdo, deixando de lado os aspectos de linguagem.

O autor encerra o assunto afirmando que uma boa resenha reúne em si esses quatro tipos:

A boa resenha, portanto, e ainda que em pouco espaço, deve buscar uma combinação desses atributos: sinceridade, objetividade, preocupação com o autor e o tema. E deve ser em si uma "peça cultural", um texto que traga novidade e reflexão para o leitor, que seja prazeroso ler por sua argúcia, humor e/ou beleza. (PIZA, 2010, p 70)

Os textos do Alguma Resenha buscam abordar esses cinco aspectos em seu conteúdo. No entanto, nem sempre há um equilíbrio entre eles, pois cada obra literária exige uma abordagem diferente, e em determinada análise alguns atributos se sobressaem mais do que outros. Por exemplo, o ponto principal da resenha de *O Assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie¹, é explicar porque este livro é uma obra-prima do gênero de romance policial. Para isso, o foco foi o aspecto estrutural do livro, especificamente a maneira como a autora utilizou a narração em primeira pessoa de forma original. Portanto, não valia a pena falar sobre o tema, já que ele não é importante.

Seguindo adiante, como funciona a técnica ensinada pelo crítico André Cáceres? Ele diz que uma resenha deve seguir uma estrutura prévia, que deve conter uma tese a ser elaborada — não no sentido de tese acadêmica, mas como uma ideia central — sendo sustentada por tópicos colhidas durante da leitura do livro. Na primeira aula do curso, Cáceres passou um exercício para a turma aprender esse método: escolher uma obra de sua preferência, escrever uma sinopse sobre ela, elaborar a tese e abordar tópicos para embasá-la. O romance escolhido foi *O Averso da Pele*, e o exercício ficou assim:

Sinopse: *O Averso da Pele* foca no relato de Pedro, um jovem negro universitário, que decide reconstruir a história do pai assassinado em uma abordagem policial desastrosa. Partindo de objetos e documentos pessoais, o narrador remonta a história de vida de seu pai e aponta os diversos casos de racismo dos quais ele foi vítima, numa tentativa de entender até que ponto a subjetividade dele foi afetada.

Tópico 1: uma história especulativa a partir de objetos de afeto que reconstrói a história de vida dos pais de Pedro, o narrador.

1 algumaresenha.wordpress.com/2022/09/20/o-assassinato-de-roger-ackroyd-a-primeira-obra-prima-de-agatha-christie/

Tópico 2: a precariedade das escolas públicas e como isso afeta a qualidade de vida de Henrique, pai do narrador e professor de língua portuguesa e literatura.

Tese: como o racismo afeta a psique das vítimas, prejudicando sua forma de se relacionar afetivamente com as pessoas amadas.

Trecho: “Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar”.

Cáceres deu o feedback de forma escrita sobre essa tarefa na semana seguinte na plataforma Canvas — onde o curso ocorria e que é diferente do Canva, um site de design gráfico — pedindo para eu me atentar a forma do romance e não falar somente sobre o seu conteúdo, especificamente: “como é a prosa do Jeferson Tenório? Como se estrutura esse relato? É narrado em primeira ou terceira pessoa? Qual é o nível de acesso à consciência dos personagens que o narrador nos dá? De que maneira a forma se relaciona com o conteúdo?”

Depois das orientações a tarefa ficou assim:

Tese: o efeito do racismo na psique das vítimas que modificam seu modo de se relacionarem com as pessoas amadas.

Tópico 1: a apresentação de estereótipos racistas que impedem as pessoas negras de serem quem são e dizerem o que sentem.

Tópico 2: narrador procura entender isso. Ele ficcionaliza a história do próprio pai em uma tentativa de reconstruir sua presença e entender quem ele era.

Tópico 3: a precariedade das escolas públicas e como isso afeta a qualidade de vida de Henrique, pai do narrador e professor de língua portuguesa e literatura.

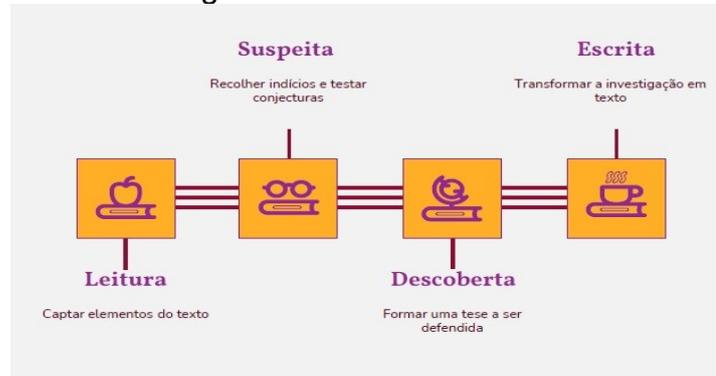
Tópico 4: o racismo da polícia que faz vítimas inocentes. Casos parecidos na realidade.

Os benefícios de elaborar essa estrutura é que ela oferece um caminho mais direcionado para a escrita da resenha, evitando, dessa forma, o temido bloqueio criativo. As aulas seguintes mostraram como formular a tese (ideia central) e os tópicos.

Cáceres compartilhou com a turma um esquema de interpretação de obras literárias baseado no pensamento do escritor e teórico Umberto Eco (2005),

desenvolvido no livro *Interpretação e Superinterpretação*, como pode ser visto na Figura 1

Figura 1 - Processo criativo



Fonte: LabPub

O processo começa na leitura da obra literária a partir de sua interpretação. A interpretação, segundo uma definição de Michel Foucault (1997), é um processo contínuo, inacabado e potencialmente infinito de suspeita e descoberta. O autor francês diz que há dois tipos de suspeita: a *allegoria/hypohia* e a *semayon*.

A primeira é definida como uma desconfiança de a linguagem não diz exatamente o que diz. Já a segunda é uma suspeita de que há outras coisas que falam que não são linguagem. Cáceres explica que essas outras coisas podem ser elementos da narrativa tal qual enredo, personagens e ponto de vista.

O professor, logo depois, apresenta mais dois conceitos de suspeita elaborados pela crítica literária. Os aspectos explícitos — personagens, tempo, enredo, tudo o que está enunciado — e os aspectos implícitos — linguagem heterodiscurso, espelhamentos, intenções, arcos dramáticos, paralelismos, não enunciados.

Voltando ao esquema desenvolvido por Cáceres a partir dos estudos de Umberto Eco, primeiramente é feita a leitura em que os indícios são recolhidos e as hipóteses, testadas. Em seguida, acontece o momento da descoberta onde a tese a ser defendida é formulada. Por último, ocorre o ato de escrita da resenha.

Como exercício do ato de interpretação foi solicitado a escrita de um texto analítico do conto *Um Fratricídio*, de Franz Kafka. Esse conto de tamanho curto narra a história do assassinato de Wese por Schmar, na esquina de uma rua à noite. A narrativa possui diversas camadas de significados, o que permite múltiplas

interpretações. Sabendo disso, Cáceres leu todas as resenhas escritas durante uma aula, mostrando a diversidade de interpretações da obra.

Utilizando a estrutura aprendida no começo do curso, assim ficaram os tópicos e a tese para a resenha do conto pode ser vista logo abaixo. O texto completo foi publicada no Blog do Alguma Resenha².

Tópico 1: uso de sentenças contraditórias/paradoxos:

Tópico 2: a movimentação das quatro personagens, o que significam?

Tópico 3: a menção a elementos divinos, só que estes elementos não se manifestam;

Tese: a falta de lógica do universo, os seres humanos estão entregue ao absurdo.

A próxima etapa do curso denominada de “Como levar o leitor do começo ao fim da sua resenha” ensinou técnicas para elaborar resenhas agradáveis de se ler. Em primeiro lugar, o texto deve ter um começo que fisgue o leitor e o faça querer continuar lendo os parágrafos seguintes. Cáceres apresentou nove tipos de introduções que podem ser usados para abordar diferentes obras literárias, são elas:

- fazer uma afirmação contundente;
- elaborar uma pergunta;
- um resumo da tese a ser defendida;
- uma citação que ilustre o livro analisado;
- contar uma pequena história;
- fazer uma contextualização
- escrever uma sinopse;
- estabelecer uma comparação com outras obras;
- ir direto ao ponto.

Segundo Cáceres, o miolo da resenha tem que ter uma linguagem acessível ao público, tem que explicar o contexto da obra quando ele for importante e ter uma demonstração da tese com argumentos embasados. E para o final existem quatro tipos de conclusões possíveis:

- fazer uma síntese, caso a resenha tenha seguido um caminho dialético;

2 <https://algumaresenha.wordpress.com/2022/10/05/um-fratricidio/>

- abordar um tema que foi dito no começo, criando uma sensação de nova perspectiva;
- escrever uma frase que dê ideia de infinitude, incompletude ou continuidade, como se o texto aceitasse não esgotar o assunto;
- colocar uma citação que exemplifique o que foi defendido no texto.

Agora, para finalizar esta seção segue resenha de *O Averso da Pele* com comentários explicando como todo esse conhecimento foi colocado em prática.

As Polícias Brasileiras são racistas. É o que dizem os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública ao mostrar que dos 6.416 brasileiros mortos por intervenção policial em 2020, 78,9% deles eram negros. Segundo os cálculos, a taxa de letalidade é 2,8 vezes maior entre essa parte da população do que entre brancos. O romance *O Averso da Pele*, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 na categoria de romance literário, trata desse assunto ao contar a história de um homem negro inocente morto em uma intervenção policial. Entretanto, a obra não se propõe a investigar as raízes históricas ou sociológicas desse problema, ela segue outro caminho: o de mostrar o luto das pessoas que perderam parentes assassinados de forma brutal e sem sentido.

(A resenha começa com uma frase contundente. Em seguida, dados estatísticos que a embasam. Na quarta oração do parágrafo, o livro resenhado é mencionado pela primeira vez. É feita uma relação dele com o assunto do racismo policial, e no fim um breve resumo do que ele trata com um gancho para o próximo parágrafo que é a sinopse.)

Este livro do escritor gaúcho Jeferson Tenório foca no relato de Pedro, um jovem negro universitário, que decide reconstruir a história do pai, Henrique, assassinado em uma abordagem policial desastrosa. Mergulhado no luto e partindo de objetos e documentos pessoais, o narrador remonta a sua história de vida e aponta os diversos casos de racismo dos quais ele foi vítima, numa tentativa de entender até que ponto a psique dele foi afetada.

(Sinopse do romance.)

No entanto, a narração não se concentra em relatar os fatos de maneira fidedigna como aconteceram. Ela não se empenha em ser uma biografia. Até porque não teria como Pedro conhecer tantos detalhes da vida íntima de Henrique. Assim, para preencher essas lacunas, o jovem universitário ficcionaliza a história do pai numa tentativa de reconstruir sua presença.

(Primeira menção à forma do romance: a ficcionalização que o narrador, Pedro, faz de uma pessoa real dentro do universo do livro, seu pai. Desenvolvimento do tópico 2.)

Henrique foi professor de Língua Portuguesa e Literatura em uma escola pública de um bairro periférico de Porto Alegre. Pobre e filho de mãe solteira, ele sentiu o peso desde criança de ser negro em uma cidade como a capital do Rio Grande do Sul. Quando criança e adolescente foi abordado pela polícia diversas vezes; foi vítima de piadas racistas da família da primeira namorada branca e sofreu pré-julgamentos constrangedores baseados em estereótipos enraizados na sociedade, como na cena quando ele era criança e tem um ataque de pânico na escola porque o professor durante a aula de ciências disse que o um dia o sol vai explodir: “então a supervisora da escola te trouxe umas bolachas Maria e um copo de leite com alguma coisa que lembrava sabor de morango. Pessoas brancas nunca pensam que um menino negro e pobre possa ter outros problemas além da fome e das drogas”.

(Desenvolvimento da tese. Abordagem do tópico 1 para embasá-la e uma citação do romance para ilustrar a ideia.)

Martha, mulher negra e mãe de Pedro, que aparece em boa parte do segundo capítulo do livro, também foi vítima de racismo. Ela conheceu o preconceito racial em seu primeiro casamento antes de conhecer Henrique. Aquele tipo de preconceito sexista que as mulheres negras estão sujeitas, além de ser violentada fisicamente. Aliás, Martha tem sua história contada por conta do interesse de Pedro em tentar compreender sua personalidade ciumenta e possessiva e até que ponto ela foi determinante para a separação de sua família. Ao contrário de Henrique, ela não tem sua história ficcionalizada. Ao que parece, Pedro se baseou em relatos de conhecidos para contar tal história.

(Continuação do desenvolvimento da tese.)

Portanto, para investigar sua história familiar, o narrador assume três formas diferentes, que vão se revezando ao longo do romance, são elas: em primeira pessoa, ao iniciar o relato e narrar sua história pessoal como o caso da paixão pela amiga Sahariene; em terceira pessoa, ao contar a trajetória de Martha, e a inovadora

em segunda pessoa, quando Pedro descreve acontecimentos da vida do pai utilizando os pronomes da segunda pessoa do singular para se referir a ele.

(Outra abordagem sobre a forma do romance. Desta vez para falar sobre como as três formas do discurso foram utilizadas.)

Outra questão social importante levantada pelo livro é a precariedade da escola pública onde Henrique ensina e como ela afeta a qualidade de vida de seus professores, sobrecarregando-os com trabalho excessivo. Ao contar esta história, Jeferson Tenório narra o drama de milhares de trabalhadores da educação pública que enfrentam os mesmos problemas: superlotação em salas de aula, baixa remuneração e falta de motivação.

(Desenvolvimento do tópico 3. Aqui é apresentado outro tema social importante que é muito abordado no romance e que não poderia ficar de fora da resenha.)

Inovador em sua forma e abordando problemas sociais graves da sociedade brasileira, *O Averso da Pele* é um livro essencial por nos fazer enxergar outro lado do racismo estrutural: o das famílias das pessoas inocentes mortas em abordagens policiais, como os casos da chacina na Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, e do sergipano Genivaldo de Jesus, morto numa câmara de gás improvisada numa viatura da Polícia Rodoviária Federal.

(Conclusão da resenha. Aqui é retomado a questão do luto dos familiares das vítimas de abordagens policiais desastrosas e também são citados casos reais que aconteceram ao longo deste ano.)

Então, de agora em diante todas as resenhas serão escritas de acordo com este método, mas sempre buscando apontar os aspectos temáticos, estruturais e autorais defendidos por Piza. O objetivo é continuar aperfeiçoando a escrita das resenhas e enriquecer o debate sobre literatura nos espaços digitais, tendo como referências críticos consagrados, Antônio Candido, Terry Eagleton, James Woods, Umberto Eco e Susan Sontag. As referências atuais, além do próprio Cáceres cujas críticas são publicadas no *Estadão*, são os veículos voltados ao nicho de jornalismo cultural, entre eles *A Revista Cult*, *A Revista Quatro Cinco Um* e o *Suplemento Pernambuco*.

3 JORNALISMO LITERÁRIO NA INTERNET

O jornalismo cultural literário está bem ativo na internet em diferentes formas. Existem as revistas literárias, que oferecem ao público a venda e assinatura das edições mensais das suas revistas em formato impresso e digital. Encontram-se também em atividade blogues literários independentes, categoria que o Alguma Resenha se encaixa. E, por último, os Instabookers ocupam o Instagram, publicando um conteúdo emocional e pouco crítico. Todas essas plataformas serão estudadas ao longo desta seção.

3.1 WEB 2.0 E BLOGS: UM HISTÓRICO

Tim O'Reilly, do O'Reilly Media Group, criou o conceito de Web 2.0 em uma conferência no ano de 2003. Em resumo, Web 2.0 é a maneira como as empresas digitais utilizam a internet como plataforma para aperfeiçoar, distribuir e promover seus produtos, tendo como principal ferramenta a inteligência coletiva. Desde então, a web 2.0 orientou as ações empresariais voltadas ao comércio eletrônico, ou seja, fazer uso da cultura participativa.

[...] a Web 2.0 representa uma reorganização das relações entre produtores e seus públicos em um mercado de internet em fase de maturação, assim como um conjunto de abordagens adotadas pelas empresas que buscam tirar proveito da criatividade de massa, do coletivismo e da produção colaborativa. (VAN DIJK; NIEBORG, 2009, p. 855-887 apud JENKINS; GREEN; FORD, 2015, p. 118).

Outra função importante dentro desse conjunto é o estabelecimento de uma rede de informações na qual cada usuário não somente consome o conteúdo, mas tem a possibilidade participar na elaboração dele, fornecendo informações, como é o caso da Wikipédia.

Neste novo arrançamento em que os consumidores passaram a ser cocriadores, há uma atividade de engajamento que pode ser descrita como fazer um upload, criar uma tag ou organizar e classificar conteúdos em diferentes tipos de sites. Em outra via, marqueteiros das empresas investiram em campanhas transmídias, em experiências interativas e em plataformas participativas que incentivam tal cocriação. Portanto, as ideias da Web 2.0 motivaram o público a ter uma colaboração mais decisiva na construção de mensagens e serviços, rejeitando a antiga postura passiva de consumo de conteúdos.

Um movimento importante dentro do contexto de crescimento da internet é o surgimento dos Blogs. O termo Blog vem da expressão Webblog, sendo que Log significa diário, assim a tradução é algo como diário de rede. John Barger, o primeiro blogueiro da história, criou essa expressão em 1997, e dois anos depois Peter Merholz fez a abreviação.

As características de um blogue são diferentes de um site comum. Geralmente, ele possui apenas um autor. Acontece também de ter dois ou mais: é caso do Blog coletivo em que profissionais de uma área em comum ou que tenham ideias próximas sobre determinados assuntos se agrupam para divulgar seus interesses pensamentos.

Tecnicamente, os blogues são páginas formadas por blogposts, textos escritos pelo blogueiro que podem conter áudio, imagens ou vídeo, organizados de maneira em que os conteúdos mais recentes aparecem primeiro ao longo do feed. Além disso, todo post ao ser criado recebe um endereço de URL, também conhecido como link, de modo a facilitar as buscas internas.

Segundo Clemente (2009) os blogues podem ser pessoal, profissional ou corporativo. O primeiro é aquele tipo no qual interesse do responsável é contar suas histórias particulares, entre elas viagens, relacionamentos e vida social; o segundo tipo serve a um objetivo profissional do dono, como o Alguma Resenha; já o terceiro é organizado por empresas para atender interesses comerciais delas, por exemplo, muitas delas utilizam tal formato inserido dentro de uma estratégia de Marketing de Conteúdo.

De acordo com Ouellette (2022, tradução nossa), aproximadamente 409 milhões de pessoas no mundo acessam por volta de 20 bilhões de páginas de blogs por mês, sendo que 70% dos posts são publicados por usuários do Wordpress³. Além

3 No original: Each month, approximately 409 million people view more than 20 billion pages.

disso, existem 10 milhões de sites registrados no Brasil e a metade deles são de blogs (Cresce o número de *Blogs na internet*, s.d). Infelizmente, não há pesquisas recentes que falem sobre o assunto.

3.2 A CENTRALIDADE DO INSTAGRAM

O brasileiro Mike Krieger e o americano Kevin Systrom criaram o Instagram em 2010. Naquela época o aplicativo da rede social só estava disponível para ser baixado na AppStore. Somente em 2012 com a aquisição do Facebook por um US\$ 1 bilhão foi lançada a versão para Android. Os usuários, nos primeiros anos da plataforma, só podiam compartilhar fotos em formato quadrado e utilizar alguns filtros artísticos. Tempos depois, o aplicativo permitiu a publicação de imagens e vídeos em diferentes formatos.

Em 2016, o Snapchat vira a nova febre do momento com seus conteúdos instantâneos que se apagam em 24 horas. O Facebook tentou comprá-lo por US\$ 3 bilhões, mas não obteve sucesso, pois os seus donos escolheram não o vender. Então, para rivalizar com esse novo fenômeno, o Instagram lançou os Stories, conteúdos curtos de algumas dezenas de segundos de duração que desaparecem após 24 horas. O sucesso dessa nova funcionalidade possibilitou a criação das transmissões ao vivo na plataforma.

Um caso parecido com o do Snapchat foi o surgimento da rede social chinesa, Tik Tok. Embora o Facebook não tenha tentado comprá-lo, ele foi obrigado a criar uma ferramenta parecida para não ficar para trás. Assim surgiu o Reels no Instagram: um vídeo em formato vertical com o máximo de duração de 60 segundos aos quais os usuários podem postar seguindo as tendências do momento, as chamadas trends.

O algoritmo da plataforma passou por algumas mudanças ao longo de sua existência. De acordo com Niel Patel (2021), uma das principais referências do

1. There are about 70 million posts being published each month by [WordPress](#) users.

Marketing Digital na atualidade, a rede social não utiliza somente um algoritmo, mas vários deles, cada um servindo a um propósito diferente.

Até 2016, as imagens eram distribuídas no feed a partir de sua data de publicação, isto é, os mais recentes apareciam no topo. Por conta disso, segundo a plataforma, os usuários não visualizam 70% dos conteúdos disponíveis. Isso provocou grandes mudanças nos algoritmos, que começaram a levar em conta as interações do perfil, seus likes, comentários, engajamento para mostrar no seu feed os posts mais compatíveis aos seus interesses.

Por exemplo, a aba explorar e a aba Reels focam em apresentar contas ainda não seguidas pelo usuário. Como existem 2 bilhões de perfis ativos, a plataforma realiza uma curadoria para selecionar os conteúdos baseados no histórico de interações mencionados acima. Em 2021, todas as funcionalidades recentemente adicionadas receberam uma prioridade de entrega em relação aos demais conteúdos. Um exemplo disso é o próprio Reels.

Os algoritmos também dão importância às palavras-chaves presentes nas legendas para orientar a entrega dos posts. Isso significa que palavras específicas ajudam o Instagram a fazer determinado conteúdo chegar ao seu público-alvo e ter uma alcance maior.

Agora, será discutido como funciona a prática do jornalismo cultural nesta rede social. Para tanto, serão feitas análises resumidas de como os principais veículos de jornalismo cultural literário utilizam tal plataforma, entre eles a revista Quatro Cinco Um, a revista Cult e o Suplemento Pernambuco.

A revista Quatro Cinco Um tem 91 mil seguidores, uma média de duas publicações por dia, segundo o recorte feito durante o mês de setembro de 2022, e números expressivos de likes, mas ainda sem ter comentários na maioria dos posts. Eles falam sobre algum texto presente na revista ou no site, promovendo na legenda uma breve descrição dele e informando onde ele pode ser lido. Eles tem média de um story postado por dia e não fazem uso do Reels.

Já a revista Cult conta com 487 mil seguidores e índices de engajamento satisfatórios. Ela consegue ter centenas de likes em suas publicações e bom volume de comentários. Essa revista compartilha em um dia, um conteúdo no feed e dois stories. Além disso, mantém a postura de assumir sua posição política diante do contexto das eleições brasileiras.

O Suplemento Pernambuco possui 100 mil seguidores, e tem média de três conteúdos publicados por dia. Seu engajamento é bom com centenas de likes na maioria dos posts e alguns deles conseguindo ter dezenas de comentários. O teor dos conteúdos são divulgação dos textos do site e das edições mensais das revistas.

A página do projeto Alguma Resenha no Instagram tem em torno de 630 seguidores, uma média de 15 likes por post e não há comentários na maioria deles.

Durante o mês de setembro, o Alguma Resenha publicou apenas um conteúdo por semana no feed, e no máximo três stories. As publicações foram criadas baseadas em datas especiais: em 6 de setembro estreou a série O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder, então foi elaborado o post “6 adaptações de O Senhor dos Anéis para o cinema e a TV”. As datas seguintes foram a independência do Brasil e o aniversário de Agatha Christie. Também foi publicada a resenha de O Aveso da Pele e um post em formato carrossel de divulgação do Blog. O planejamento para o mês de outubro prevê ao menos dois conteúdos por semana e um story por dia.

O conteúdo audiovisual do Alguma Resenha é publicado somente no perfil do Instagram e se resume ao formato Reels e Stories. O Reels “Os Gêneros Narrativos” é o post com melhor desempenho do perfil por ganhar aproximadamente 35 curtidas e 5 seguidores em 24 horas. Ele traz um conteúdo textual em forma de lista que apresenta os principais gêneros literários sem mostrar suas definições. Ele foi feito no Canva apenas com ilustrações e textos, que foram animados, e uma trilha sonora do próprio banco de músicas da plataforma.

Alguns dias depois, foi publicado o Reels “Gêneros Literários Modernos” com o mesmo formato, mas com um conteúdo textual maior e uma trilha sonora do repositório do Instagram. Ele não obteve os mesmos resultados.

Em seguida, foram realizados testes para vídeos em que o responsável pelo projeto aparecia, mas eles foram descartados durante a fase de edição. No entanto, o objetivo de fazer vídeos filmados continua de pé, um deles é o famoso unboxing, quando o dono do perfil abre uma caixa mostrando aos seus seguidores as últimas compras realizadas, que no caso seriam livros.

No ano passado, o Instagram alcançou a marca de 2 bilhões de usuários no mundo, tornando-se a segunda rede social mais acessada do mundo. O Brasil é o

segundo país em número de inscritos na plataforma, nesse quesito só está atrás dos Estados Unidos.

4 BLOG ALGUMA RESENHA: O QUE É? / HISTÓRICO

O Blog do Alguma Resenha fez sua estreia em 1º de setembro de 2020. Ele é o espaço em que há mais liberdade para escrever e expressar ideias por não haver limites de caracteres. A primeira publicação nele foi a resenha de Razão e Sensibilidade, de Jane Austen, seguida da resenha de Rei Lear, de William Shakespeare, alguns dias depois. Ele não foi lançado no mesmo dia que o perfil no Instagram porque ele ainda não estava pronto no dia 18 de agosto, ainda faltava resolver muitas questões relacionados à sua aparência, à ajustes no Tema.

Ele foi desenvolvido na plataforma do Wordpress. Para construí-lo foi criada uma conta gratuita, embora esse tipo de conta possua diversas limitações, mas como o projeto não tem nenhuma forma de gerar renda, não havia como sustentá-lo pagando um plano premium cheio de vantagens.

A conta gratuita do Wordpress permite a utilização de um subdomínio grátis, o uso de 3gb de espaço e oferece acesso a uma coleção limitada de Temas. Ela não dá acesso aos códigos do site, ao uso de plugins e à função de monetização com a qual o Blog poderia ganhar dinheiro com propagandas.

Em seu primeiro ano, a audiência do blogue não era satisfatória apesar do compartilhamento de links no perfil do Instagram. Em julho de 2021, houve uma pausa da divulgação do blogue na rede social para a realização de melhoras nele. Naquele período, ele tinha uma aparência amadora, fruto da inexperiência na construção de sites e da falta de conhecimento sobre Web Design, Figura2. Ele também não aparecia em pesquisas nos buscadores de internet como o Google, Bing, Yahoo entre outros.

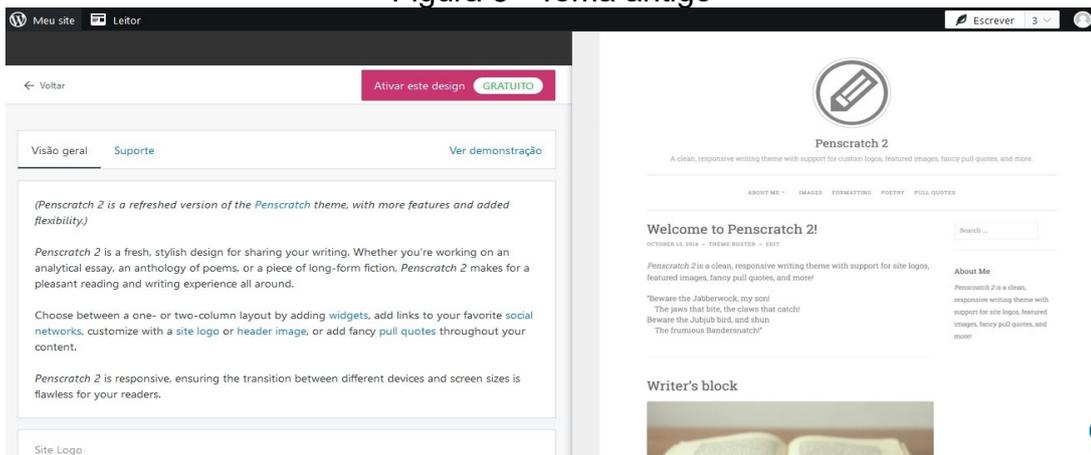
Figura 2 - Layout antigo



Fonte: Autoria própria.

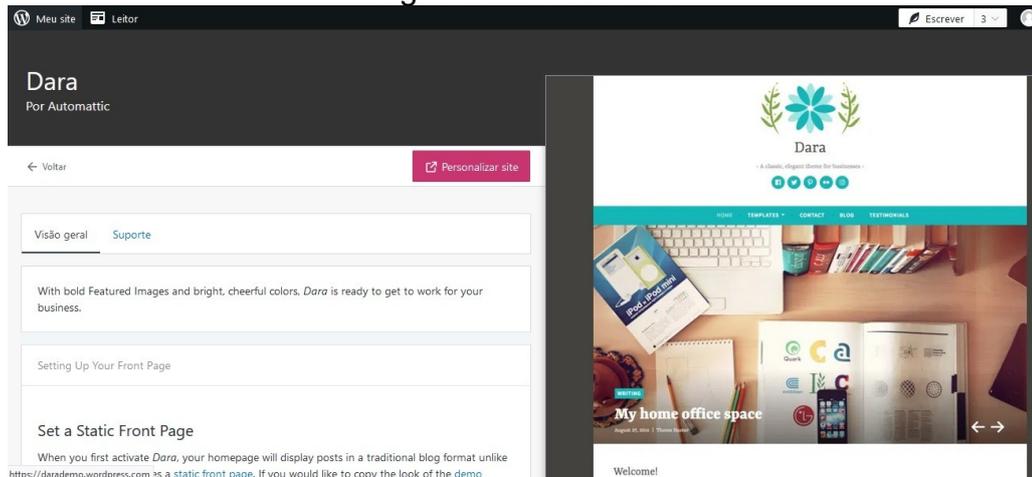
A partir de dezembro do mesmo ano as mudanças começaram. A primeira delas foi a troca do tema. Um tema (ou teplate) é o que define como os principais elementos de um site (menus, header, rodapé, textos, imagens, vídeos) serão apresentados aos usuários. Antes era usado o penscratch 2 Figura3, agora é o dara, Figura4. Este último possui uma faixa horizontal em seu menu, o que torna sua aparência mais atraente. Assim, só era preciso mudar a cor dela, que acabou sendo o verde-escuro da marca. Depois, a página artigos foi adicionada nesse mesmo menu, e os conteúdos que se enquadram nessa editoria, colocados dentro dela.

Figura 3 - Tema antigo



Fonte: Autoria própria.

Figura 4 - Tema atual



Fonte: autoria própria

A segunda mudança está relacionada aos conteúdos das resenhas. Agora, além do texto e do título, o leitor confere a nota atribuída ao livro em uma escala de até cinco estrelas. Logo abaixo, ele encontra informações sobre a edição da obra como nome do tradutor (a) (em caso de livro internacional), número de páginas e ano da edição. No meio da resenha, há uma montagem feita no Canva com uma foto da edição lida do livro sobre um fundo que pode ser de qualquer cor. E, para deixar o leitor o máximo de tempo possível dentro do blogue, são inseridos hiperlinks para outras resenhas.

Na terceira, o layout do site foi estruturado para ser visualmente adequado aos smartphones, já que boa parte dos leitores virão por meio de links compartilhados no Instagram. Para isso, os conteúdos da página principal possuem imagens de capa em tamanho que ocupam a tela do celular de lado a lado, ficando acima do título da resenha, que, por sua vez, está sobre uma pequena chamada para ler o texto. Ao deslizar o dedo pela tela, o leitor consegue visualizar facilmente as publicações antigas. As páginas resenhas e artigos possuem o mesmo modelo.

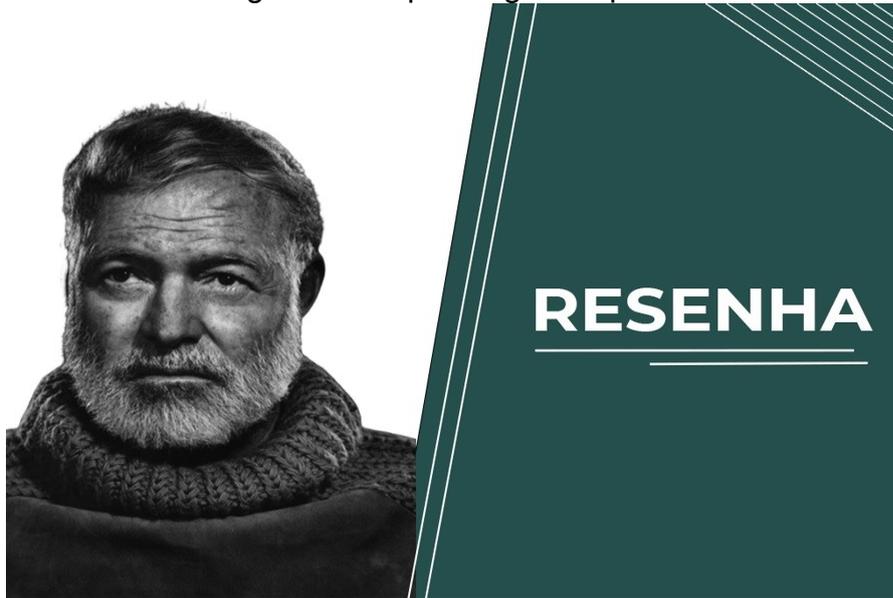
Para a página principal da versão desktop foi escolhido um estilo grid em que três posts ficam lado a lado em formato miniatura, e acima deles há um carrossel no qual os três últimos conteúdos publicados deslizam de forma automática. Os posts das páginas resenhas e artigos estão organizados em uma coluna individual, de modo que para visualizar as publicações antigas é preciso deslizar o mouse do computador para baixo.

Por fim, os últimos testes são para a escolha da imagem da capa das resenhas. Antes, era usado somente uma foto do autor (a) do livro analisado sem

padrão de formato, com algumas em modo retrato e outras em modo paisagem. Agora, é feita uma arte em tamanho padronizado onde é inserida uma foto do artista ao lado está a palavra resenha.

Por alguns meses, a arte escolhida foi a da Figura5, isto é, a foto do artista com fundo transparente ao lado da palavra resenha, com linhas em cor branca ao redor do design para gerar um contraste. No entanto, essa capa nunca foi totalmente aceita, o que ocasionou um atraso da divulgação do blogue com novo layout.

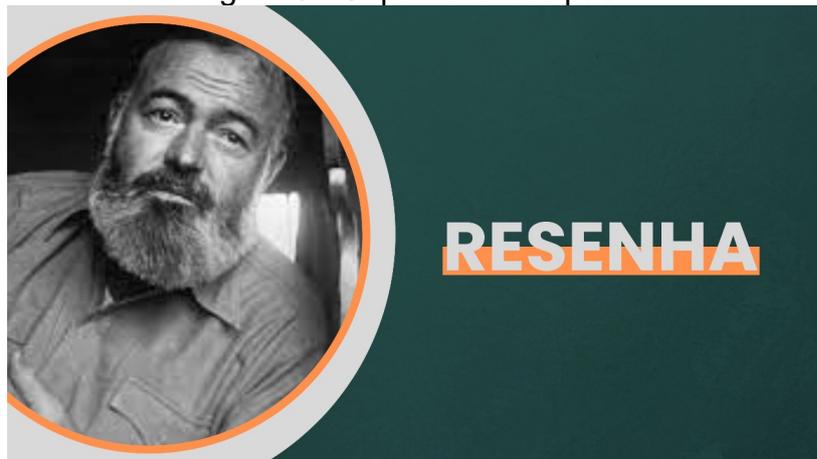
Figura 5 - Capa antiga dos posts



Fonte: autoria própria

No início de setembro, uma nova capa foi feita com um design diferente. A foto do artista e a palavra resenha foram mantidas, mas as linhas, excluídas. Agora, a foto está em formato circular e por trás dela há um círculo maior em cinza claro. O laranja foi acrescentado no contorno da fotografia e no retângulo que dá destaque às palavras resenha e artigo. A nova arte pode ser vista na Figura6. A escolha do cinza claro se deu porque o tema do blogue não permite a troca do fundo de cor branca para o bege, por isso se decidiu pelo cinza, por ele ser parecido com o fundo.

Figura 6 - Capa nova dos posts



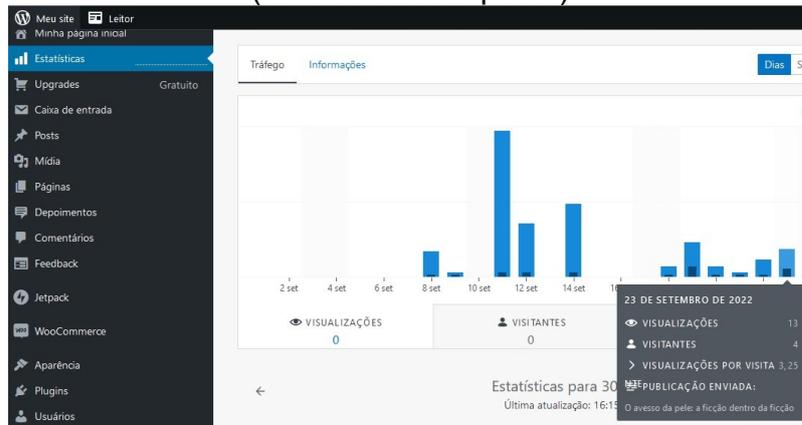
Fonte: autoria própria

O motivo da escolha dessa troca aconteceu pela vontade de acrescentar o laranja no design, o que não era possível com a outra capa testada. Além do mais, as fotos com fundo transparente estavam estranhas. Assim, as novas capas vem com as fotos em fundo original. Enquanto a arte para os artigos o design é o mesmo, só que as cores foram invertidas. A predominância do verde-escuro deu lugar ao cinza claro.

A tarefa seguinte foi a elaboração de estratégia de divulgação das resenhas e dos artigos no Instagram. Quando uma resenha estiver pronta, será publicada no feed da rede social um post em formato carrossel com as artes iguais às do blogue, mas em tamanho quadrado de medidas 1080px por 1080px. Os links serão colocados na legenda do post, na bio do perfil e nos stories. O link da bio ficará disponível até a próxima resenha ser publicada.

Esta última ação foi realizada na divulgação da resenha de O Averso da Pele. Olhando as estatísticas do site como é mostrada na Figura 7, no dia 23 de setembro, dia em que ela foi publicada, o blogue recebeu 4 visitas que resultou em 13 visualizações, sendo que resenha do livro de Jeferson Tenório teve 7 visualizações. O story com divulgação do link do texto recebeu 39 visualizações em 24 horas. Portanto, apenas 10,2% dessa audiência clicou no link. Levando-se em conta o número de seguidores do perfil no atual momento, que são 598, isso representa que 0,66% acessaram o Blog.

Figura 7 - Estatística do Blog no dia 23 de setembro
(Painel do Wordpress)



Fonte: autoria própria

4.1 EDITORIAS

O Blog do Alguma Resenha é dividido em duas editorias: resenhas e artigos.

Para Florin e Savioli (1999) resenhar é fazer uma relação das propriedades de um objeto, que pode ser um livro, um filme ou uma peça de teatro, apontar seus aspectos relevantes e descrever as circunstâncias que o envolvem. Pretende-se trabalhar nas resenhas os acertos e erros de uma obra literária, levando-se em conta seus aspectos narrativos, estéticos e linguísticos.

Os artigos publicados pelo Alguma Resenha não são os famosos artigos de opinião do jornalismo, mas os artigos de internet, também conhecidos como blog posts. Estes artigos fazem parte de uma estratégia de funil de conteúdo, uma área dentro do marketing de conteúdo.

Um funil de conteúdo é definido como um caminho em que os clientes de uma determinada empresa passam até chegar ao ato de compra de seu produto. Em resumo, esse caminho é dividido em três etapas: topo de funil, meio de funil e fundo de funil. De acordo com o artigo do site Herospark, para topo de funil são criados conteúdos atrativos e simples, que oferecem conhecimentos de valor que o público não saiba; o propósito destes posts é atrair seguidores para o perfil. Posts para meio de funil são mais aprofundados, eles visam criar um relacionamento e autoridade,

mostrando bastidores e história do perfil. Conteúdos de fundo estão relacionados diretamente à venda de algum produto.

O Alguma Resenha não pretende vender nenhum produto. Ele usa as estratégias de topo e de meio de funil para atrair seguidores e fidelizá-los. Por exemplo, a série de conteúdos publicadas no Instagram, em formato carrossel, sobre as três leis da robótica de Isaac Asimov. Este post foi transformado em um artigo e publicado no Blog.

4.2 PROJETO EDITORIAL

O foco do Alguma Resenha são três categorias do gênero literário moderno: o conto, a novela e o romance. A professora Angélica Soares (2007) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) define, em seu livro *Gêneros Literários*, o romance como uma narrativa longa que apresenta 5 elementos essenciais em sua composição: enredo, personagens, espaço, tempo e ponto de vista. Já a Novela é considerada a forma mais flexível dos gêneros literários, porque ela permite um desenvolvimento mais estendido de personagens e temas que um conto, sem fazer exigências estruturais detalhadas de um romance. Por último, o conto é o gênero narrativo de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.

Entre essas três categorias citadas estão inseridos títulos artísticos e comerciais/entretenimento. De acordo com o *London Writer Awards*, evento de premiação literária britânico, a literatura de arte “se concentra na arte, a partir de um enredo impulsionado pelos personagens e por suas motivações internas”; enquanto a literatura de entretenimento “geralmente está mais concentrado no enredo e lida mais com a busca do entretenimento do que com a arte (com as palavras)”.

O objetivo é tratar os dois como iguais sem julgar que um é melhor do que o outro. Geralmente, a arte está relacionada com reflexão e prazer estético, de modo que é o objetivo do blogue abordar em suas resenhas tais pontos. Já o comercial/entretenimento está relacionado à diversão, ao passatempo, o que exige

menos comprometimento do leitor. Assim, a proposta é mostrar que tais obras de entretenimento tem seu valor em passar conhecimento ao público.

Por exemplo, a escritora Agatha Christie (1890-1976) é um best-seller internacional. Seus livros de suspense possuem enredos complexos com reviravoltas surpreendentes. Entretanto, a autora foi uma grande conhecedora da psicologia humana e suas obras refletem isso ao trazerem personagens que representam sentimentos universais como ganância, maldade e inocência entre outros.

O escritor norueguês Jo Nesbo é um best-seller contemporâneo, um dos principais escritores de romance policial da atualidade. Seus romances proporcionam leituras divertidas, mas eles sempre trazem reflexões importantes e com profundidade sobre temas sociais como desigualdade social, tráfico de drogas e atuação de grupos neonazistas.

Não se pretende publicar resenhas de poesia por conta da falta de conhecimento do autor do blog sobre o assunto.

4.3 IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual do Alguma Resenha foi criada pelo estudante de jornalismo e web design, Lucas Carvalho. Ele realizou esse trabalho a partir de um briefieng preenchido. Os principais produtos foram a paleta de cores Figura8 e Figura9 e a logo do projeto, Figura10. A paleta de cores é definida por tons de bege e verde-escuro.

Figura 8 - Paleta de cores



Fonte: CARVALHO (2020)

Figura 9 - Variação de cores



Fonte: CARVALHO (2020)

O Lucas criou três tipos diferentes de logos: a de formato símbolo, utilizada no ícone do site, de cor bege com fundo verde; uma combination mark, um tipo de logo que combina o símbolo com o nome do projeto, em formato vertical, utilizada na imagem de perfil do Instagram, mesma combinação de cores; e outra combination mark em formato horizontal, presente na capa do blogue, de cor verde-escuro com fundo branco. O não uso das duas cores, neste último caso, se deve ao fato do tema escolhido para o layout do blogue não permitir a troca do fundo para a cor bege. Para a criação das artes para posts da rede social, o padrão foi mantido, mas com o acréscimo da tonalidade laranja.

Figura 10 - Elementos visuais



Fonte: CARVALHO (2020)

O conteúdo visual do Alguma Resenha, em seu primeiro ano de existência, era feito de forma amadora, sem respeitar os princípios do design gráfico: contraste,

alinhamento, proximidade, repetição e ênfase. A legibilidade dos textos inseridos nas imagens também era inadequada.

Em novembro de 2021, após diversas aulas assistidas do curso Design de Qualidade, ofertado pelo grupo DDQ ensinos, a qualidade desse trabalho melhorou, ajudando o perfil a conseguir mais seguidores. Agora, as artes são feitas em fundo bege, as fontes, que podem ser poppins ou montserrat, são escritas em verde-escuro e os detalhes do design são em cor laranja.

5 CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Jornalismo Cultural no Século 21* tem uma seção chamada *A Importância do Crítico* em que o autor cita uma fala importante do intelectual Jean-Claude Bernardet, que diz que não escreve crítica para julgar a obra, mas para interpretá-la, entender o que está subentendido. Ele tem uma posição sobre a crítica e sua importância para o jornalismo cultural.

[...] o texto crítico é um discurso paralelo à obra e não se identifica com ela: entre os dois um jogo de aproximação e distanciamentos se estabelece. É uma produção que vice da obra a que se refere, mas tem leis próprias. Frequentemente, o texto crítico nasce da obra que lhe sugere como quer ser compreendida e analisada. Frequentemente, o texto não nasce da obra: é ele que toma a iniciativa de procurar determinadas obras, ou, dentro delas, determinados elementos para se produzir. [...] (BERNARDET 1978, 2015 Apud BALLERINI, 2015, p. 49). (Informação verbal).

Então, diante deste cenário atual do jornalismo cultural literário em que há uma difusão de canais e uma infinidade de conteúdos; em que também a resenha escrita compete com os vídeos lançados no Youtube, o Alguma Resenha continuará trilhando seu caminho no mundo digital sempre trazendo técnicas do jornalismo na escrita de seus textos, como apuração, embasamento e reflexão.

Estes dois anos de existência do Alguma Resenha foram de muitos desafios. Até agosto de 2020, eu era mero consumidor de produtos culturais desenvolvidos para a internet. Não tinha sequer um perfil pessoal no Instagram. Assim, estava alheio aos movimentos que estavam acontecendo dentro do ambiente digital. Então, eu não fazia ideia do imenso trabalho que é criar conteúdos de qualidade, ainda mais sozinho.

Os resultados até agora não são satisfatórios como o engajamento do perfil no Instagram e a audiência do Blog. Entretanto, a partir desta iniciativa pude aprender bastante sobre a escrita de resenhas analíticas, aprendi design gráfico e estou entendendo quais tipos de conteúdos funcionam na internet.

Existem dois desafios a serem superados. O primeiro é publicar no mínimo três conteúdos no feed do Instagram e no Bog e mais de um story por dia, e manter essa regularidade. O segundo é melhorar a interação com os meus seguidores,

fazendo o engajamento crescer para que o algoritmo da rede social aumente o alcance dos meus posts. Tudo isso em paralelo com a minha carreira profissional.

6 REFERÊNCIAS

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo Cultural no Século XXI**. São Paulo: Sumus Editorial, 2015.

CLEMENTE, Ana Priscila. Origem e desenvolvimento do *blog* como mídia digital e sua contribuição para a construção de uma cultura feminina na *web*. **GT - História da Mídia Digital**. Paraíba, 2009. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Origem%20e%20desenvolvimento%20do%20blog%20como%20midia%20digital.pdf>>. Acesso em 21 de setembro de 2022.

Cresce o número de *Blogs* na *internet*. Disponível em:<<https://www.redaweb.com.br/posts/cresce-o-numero-de-blogs-no-brasil#:~:text=No%20Brasil%2C%20existem%20mais%20de,milh%C3%B5es%20de%20sites%20s%C3%A3o%20blogs>>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 2° ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERNANDES, Daniel. Participação de autores negros na literatura tem avançado no Brasil. **CNN Brasil**, São Paulo, 3 de novembro de 2021. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/participacao-de-autores-negros-na-literatura-tem-avancado-no-brasil/>>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

FLORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud & Marx**. São Paulo: Princípio, 1997.

ISHIDA, Gabriel; LAFLOUFA, Jacqueline. **Mídias sociais para jornalistas**. 1ª ed. São Paulo: Atlas Media Lab, 2015. *E-book*.

Instagram. Disponível em < <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**. 1ª ed. São Paulo: Aleph, 2015.

NILSEN BOOK DATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro**. IBGE, 2008. Rio de Janeiro: Nilsen Book Data, 2022.

OULLETTE, Coral. Ultimate List of Blogging Statistics and Facts. **Optinmonster**, EUA, 22 de abril de 2022. Disponível em:<<https://optinmonster.com/blogging-statistics/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.

PATEL, Neil. **Guia definitivo do Instagram**. São Paulo: Neil Patel Brasil, 2021. E-book.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSÁRIO, Fernanda. Editoras independentes aceleram o crescimento de publicações de pessoas negras. **Alma preta**, São Paulo, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/literatura/editoras-independentes-aceleram-o-crescimento-de-publicacoes-de-pessoas-negras> >. Acesso em: 14 de setembro de 2022.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.